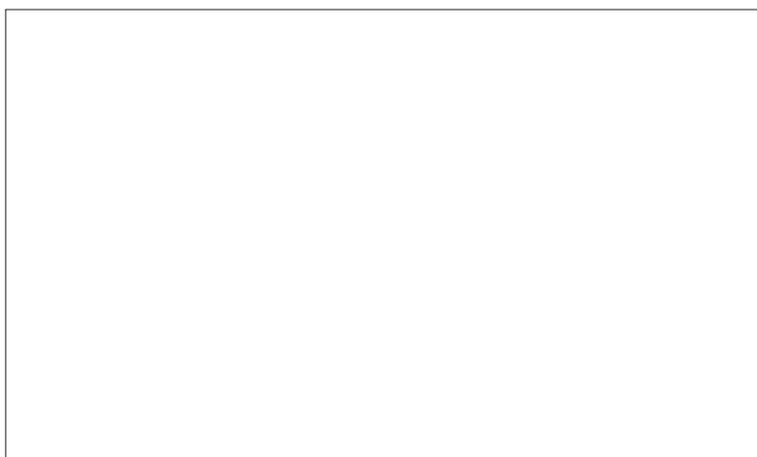




Entrevista com Rodolfo Urribarri*

Entrevista concedida em 5 de setembro de 2000, em Gramado, durante o XXIII Congresso da FEPAL, ao editor da Revista da SPPA, José Carlos Calich e a Ingeborg Bornholdt, analista de crianças e adolescentes da SPPA.



Da esquerda para direita: Rodolfo Urribarri e José Carlos Calich.

* Analista de crianças e adolescentes, premiado pelo melhor trabalho de análise de crianças e adolescentes encaminhado ao XXIII Congresso da FEPAL, em Gramado, Brasil, setembro de 2000.



RP – Dr. Rodolfo, a primeira pergunta tem a intenção de conhecê-lo um pouco melhor. O senhor poderia nos dar uma idéia de seu encontro com a psicanálise, sua trajetória e influências teóricas, inclusive as não psicanalíticas, que possam ter contribuído na formação do seu pensamento atual.

RU – Venho de uma formação prévia físico-matemática, quando terminei o ensino secundário e comecei a estudar engenharia eletrônica. Meu encontro com a psicologia, mais do que com a psicanálise, foi parte de uma crise pessoal. Já que estamos falando de outras influências, tive uma crise adolescente mais ou menos aos vinte anos, um pouco tardia, mas muito forte, na qual fiz uma série de reformulações. Uma delas envolveu o estudo que eu havia escolhido. Mesmo não tendo dificuldades, porque eu o havia feito bem até esse momento, a idéia de permanecer nele toda a vida não me satisfazia, não parecia atrativa. Essa foi uma mudança forte, brusca, uma guinada.

Então, poucos meses depois de concluído o terceiro ano, fiz minha matrícula em sociologia e psicologia, que eram dois cursos novos na Universidade de Buenos Aires e concluí a psicologia. Inicialmente cursei matérias comuns à sociologia e à psicologia e, conforme dava os primeiros passos, foi maior a inclinação para a segunda. À medida que avançava na psicologia, crescia o contato com a psicanálise.

Nesse momento em Buenos Aires, a psicanálise era bastante intensa na psicologia. Na Faculdade eu tinha professores como David Líberman, García Badaraco e Ulloa, figuras muito destacadas que se aproximaram de um grande número de psicólogos em formação. Uma segunda aproximação à psicanálise veio através da análise pessoal, fruto de outra crise, após o serviço militar. Fiz o serviço militar com prorrogação aos vinte e dois anos e, quando saí, estava realmente em crise. Poucos meses após, iniciei meu tratamento em grupo com Fernando Ulloa, no qual permaneci cerca de um ano. Depois comecei meu tratamento individual com David Rosenfeld; já estava quase finalizando o curso na universidade e comecei uma formação analítica mais evidente, mais clara. Paralelamente, também entrei em um grupo de estudos com Jaime Szpilka, presidente da Associação Argentina durante alguns anos, a partir do final de 73. Posteriormente se exilou na Espanha e hoje está na Sociedade de Madri. Com ele fiz, durante cinco ou seis anos, um estudo cronológico de Freud. Naquele tempo, costumava estudar seguindo toda a obra de forma diacrônica e não temática, fazendo pontes com esta conforme avançávamos naquela.

Também, pouco antes de me formar, comecei a freqüentar um serviço muito interessante, o de odontopediatria. A disciplina de odontopediatria, da Faculdade de Odontologia, era liderada por uma doutora muito progressista que havia feito análise





com Ángel Garma e que estava em contato com pediatras de formação analítica. Arminda (Aberastury) chegou a trabalhar com este tema, na realidade dedicou-se a isto porque, tendo tido várias cáries no colo do dente, se perguntou o que ocorria nestes problemas odontológicos, o que a levou ao famoso trabalho sobre dentição, deambulação e linguagem. Trabalhou um tempo em odontopediatria, depois vieram Eduardo Salas e Susana Ferrer, seus discípulos diretos. Posteriormente montou um grupo maior no qual me incluí. Freqüentei-o, primeiro como aluno, depois já formado. Imediatamente após me formar, fui trabalhar no Instituto da Família dirigido por Mauricio Knobel. Essa instituição era subordinada economicamente à Fundação B'nai Brith, um grupo judeu que mantinha uma relação com a comunidade e por isso financiava o Instituto. Nele coordenei o departamento de emergências, que criamos com Mauricio Knobel. Foi uma obra pioneira, um momento muito rico de efervescência da psicanálise e do atendimento em centros hospitalares ou comunitários da Argentina, os quais se fecharam quando vieram os governos militares, como é comum em nossos países. Esse foi o início.

Vem a seguir o mais formal. Pouco tempo depois cursei a Escola de Psicoterapia, pois então os psicólogos não tinham acesso à Associação Psicanalítica. Assim, fiz toda uma formação paralela. A única escola que existia naquela época em Buenos Aires era a Escola Argentina de Psicoterapia para Formados, fundada por um grupo de psicanalistas contrários a essa situação. Entre eles estavam Garma, Rascowski, Carlos María Aslan, Susana Ferrer, gente de muito prestígio, que criaram essa escola à parte. Depois, tornei-me professor da escola e fiz outras formações, na Associação de Grupos, por exemplo, ampliando meu espectro. Então fui formando grupos privados, estudos, supervisões, etc.

No que se refere, especificamente, a crianças e adolescentes, eu supervisionava com uma discípula de Arminda, Mari Buidca. Com Arminda, tinha boa relação pessoal, mas ela não dispunha de hora no momento. Só esporadicamente tínhamos alguma supervisão. Mas havíamos combinado uma hora para o ano seguinte, quando ela se suicidou. A partir disso, estive oito anos supervisionando com Susana Ferrer e, paralelamente à instituição, supervisionava com Knobel a parte de crianças. Posteriormente, já com muitos anos de profissão, iniciei minha carreira na APA, logo após abrir-se para a entrada de psicólogos. Inclusive tive algumas entrevistas antes da abertura. García Badaraco era então presidente e me chamou para saber o que eu pensava sobre o ingresso dos psicólogos. Nesse momento Susana Ferrer era a secretária geral.

Eu acabara de concluir uma longa análise – vinte e dois anos – com Arnaldo Rascowski e não queria recomeçá-la. Porém era uma exigência; então retomei a análise e ingressei na APA. Entrei muito tarde e agora estou em vias de ser Membro





Titular. Proferi seminários, no ano passado, um justamente sobre latência. Por outro lado, sou professor concursado, regular, da Universidade de Buenos Aires na disciplina de adolescência. Tive, na docência universitária, uma trajetória de ajudante, de chefe de trabalhos práticos e, depois do governo militar e da reestruturação da Universidade, inscrevi-me no concurso para professor universitário. Ingressei, saí após sete anos, logo fiz outro concurso. Continuo com a disciplina de adolescência. Fui professor convidado na Universidade de Paris e faço parte do Comitê da International Society for Adolescent Psychiatry, formada por europeus e americanos, mas também com membros latino-americanos. Apresentei relatos oficiais em congressos que essa entidade promove, o mais recente no ano passado.

Sobre a pergunta se falo português, falo o “portunhol” avançado que todos temos. Vim várias vezes ao Brasil, em 1976 como convidado no Congresso da APIA no Rio. Nesse mesmo ano fui a Campinas para umas aulas. No ano seguinte, à Bahia quando do Fórum da Adolescência. Em várias ocasiões tenho vindo para aulas, reuniões, ou férias em Florianópolis. Assim conheço Florianópolis, Gramado, Canela e tenho amigos em Porto Alegre.

No que se refere à formação, outros aspectos contribuíram. Acredito que houve mais elementos importantes; essa volta, ao deixar as ciências exatas, a engenharia, e começar a psicologia, acompanhou-se de um movimento. Vivia-se um período muito especial da Argentina, de muita agilidade cultural, muito teatro independente, uma guinada para a leitura, a literatura, a poesia. Mencionou-se que ganhei o Prêmio de Crianças e Adolescentes, mas também concorrera para o Prêmio Cyro Martins de Poesia. As universidades mantinham ainda um clima bastante livre, de alto nível acadêmico. Era comum assistir-se a uma conferência na Faculdade de Direito, que poderia ser sobre psiquiatria, psicologia e psicanálise, ou ir para a de medicina para outra atividade, ou para os cursos introdutórios à psicanálise de Rascowsky e Garma, ou cursos no Centro de Estudantes. Essa intensa rotatividade ampliou as perspectivas de meta e alimentou uma formação humanística mais ampla, que conservei. Leio com bastante frequência, interessa-me muito o cinema. Tudo isso me ajudou bastante no trabalho com crianças, principalmente o que está relacionado com a plástica, o desenho, o cinema. São outros elementos que, intangivelmente, tivemos como parte da nossa formação.

Comentava que, para ser analista de adolescentes, é mais conveniente já trabalharmos com crianças, porque temos acesso à determinada forma de apresentação dos adolescentes que é mais próprio das crianças, por exemplo, o desenho. Assim, para entendê-los, foi útil ter tido contato com a pintura, figuras, desenhos, exposições, artistas. Aprendemos coisas que não estão nos livros, nos embebemos disso tudo que é importante na formação de cada um de nós, difícil de pontuar porque





ocorre com a vida. Busco conhecer ao máximo o que ocorre culturalmente, dentro das limitações de tempo que todos temos para nutrir-nos. Mas existem coisas que não deixo de lado: o contato com a natureza, com o trabalho físico, com o que é artístico. Para mim são elementos nutrientes como a alimentação.

RP – *Como surgiu seu interesse pela formação em análise de crianças e adolescentes? Por que esta área?*

RU – Alguém poderia dizer, ingenuamente, que era porque nesse momento, e segue sendo assim, a maioria nesse ambiente era de mulheres. Éramos poucos os homens, havia a necessidade de terapeutas de meninos. Isto foi uma circunstância. Mais profundamente, todavia, talvez haja uma relação entre o fato de que meu pai era pediatra, meus dois irmãos mais velhos eram médicos. Assim, quando disse que iria estudar psicologia, houve uma forte pressão para que estudasse medicina, coisa que não havia ocorrido antes. Resisti a essa pressão, mas tive algum grau de identificação com meu pai pediatra e me dediquei ao trabalho com crianças e adolescentes. Acredito que isto é profundamente mais significativo que o outro aspecto, que foi conjuntural. Devo reconhecer que me divirto trabalhando com adolescentes, mesmo com adolescentes graves, o que implica em passar por momentos difíceis. Mas é um trabalho fácil para mim, como um recreio.

Trabalhei durante uma época, na Argentina (até o processo militar), com grupos, habitualmente três ou quatro grupos particulares de adolescentes. Acho ótimo ter um grupo duas horas por dia. Depois, como trabalho muito com crianças, fui tratar de latentes, que costumam ser clientes muito chatos. A única possibilidade que temos para não cairmos mortos, ou adormecidos ou anestesiados no caminho, é tentar pensar, por isso trabalhei na latência. Evidentemente essas escolhas têm relação com pontos mais conflitantes da vida de cada um, o que abre para a possibilidade de aproximação e entendimento não somente no sentido da orientação, mas também da revisão de coisas nossas. Assim, lidar com adolescentes e crianças levou-me permanentemente a retrabalhar aspectos da minha própria vida infantil e adolescente, o que, se esgota, traz mais experiência. Penso que estes são elementos fortes que tenho na carreira.

RP – *Quais são suas atividades atuais? Quais suas áreas de interesse e maior envolvimento?*

RU – Basicamente a clínica, no que se refere às instituições da ASAP. Mas, neste momento, não tenho qualquer tarefa institucional, exceto a da Universidade.





Dou aulas, o que é bastante problemático por ter uma turma muito numerosa – mil e trezentos alunos neste quadrimestre. Tenho quatro professores adjuntos, oito chefes de trabalho prático e trinta ajudantes. Outra atividade a que me dedico, que é mais de pensamento, tem sido a realização desta revista, a *N/A*. Chegou a ser, em um momento, uma espécie de hobby: fazer, com um grupo de pessoas, uma revista de psicanálise de crianças e adolescentes, o que toma tempo de leitura, de escolha, de conexão, de tradução e montagem. Além disso, no ensino, dou seminários na APA, às vezes, ou em alguma outra instituição e supervisão. Mas não estou ocupando nenhuma função estatutária em nenhum lugar, em nenhuma sociedade.

RP – *Como foi sua experiência com a Revista N/A, que teve tão boa aceitação?*

RU – Como todas as coisas em nossos países, há prós e contras. Tem sido uma bela experiência, um grande desafio montar uma revista sem praticamente nenhuma sociedade que a respaldasse. Inicialmente houve um acordo com a Editoria Paidós que compraria uma quantidade determinada de exemplares para enviar ao exterior. A idéia era que a publicação não permanecesse somente na Argentina, mas que se difundisse além e que, ao mesmo tempo, viesse material de outros países para um intercâmbio. Lamentavelmente, quando sairia o terceiro número, a Paidós decidiu fazer uma mudança na política institucional, fechando as distribuições. Tivemos que prosseguir sozinhos, sem esse apoio.

Principalmente a difusão no exterior era um problema, porque não tínhamos estrutura nem comercial nem legal para exportações e, mesmo que quiséssemos fazê-lo, isso é muito caro para uma revista, pode ser feito por uma editora grande, mas não por um grupo. O outro problema criado é que as crises econômicas são cada vez mais fortes e diminuíram as vendas. Na Argentina, nos últimos anos, fecharam muitas livrarias e, conseqüentemente, distribuidores, o que gera uma cadeia: o distribuidor da minha revista deve-me uma quantia substancial. Assim, estamos em um momento crítico, vendo como voltar à normalidade para não perder os anos de circulação. Nosso desejo é que não se perca, que não se dilua, mas dá muito trabalho. Se por um lado é muito bom – a revista foi reconhecida e isso justifica o esforço –, por outro estaremos eternamente salvando-a de um problema econômico grave e também despendendo energia e tempo em algo que não é o nosso ambiente: discutir com comerciantes.

RP – *Quem sabe também é necessário, novamente, um certo pioneirismo, porque a psicanálise de adolescentes e de crianças é uma fatia dentro de algo mais*





amplo que é a psicanálise. E é uma fatia também a parcela dos profissionais que a ela se dedicam. Talvez seja mais difícil abrir espaço nesta área específica e especializada.

RU – Sem dúvida. A experiência de vocês é similar, praticamente não há revistas que não sejam sustentadas por uma instituição. É diferente do que ocorre em outros lugares: *Adolescents*, *Adolescenza* na Itália, *Le Journal de Psychanalyse de la France* ou *Psychoanalysis of the child* não têm por trás uma instituição. Mas contam com um mercado que consome, o que permite a continuidade. É uma reciclagem, se não é um ganho, é uma espera.

Em nossos países, ao contrário, é muito difícil que se possa utilizar o mesmo capital de giro; cada vez diminui mais a população que consome, cada vez se fazem mais fotocópias, o que conspira contra as possibilidades de uma tarefa deste tipo. A experiência com revistas dessa ordem mostra que quase não se consegue vendê-las fora da instituição. Não têm aceitação. Neste sentido, é uma alegria que a nossa continue a ser vendida para o exterior. Outro problema é que, em geral, nessas publicações, quando é lançado um novo número, o outro passou de moda, é esquecido. Nós, porém, continuamos vendendo exemplares dos primeiros. O primeiro e o quinto número já acabaram, o segundo e o terceiro estão por acabar, o que prova que a *N/A* foi usada como texto e continuou a ser adquirida, mesmo saindo outros números, o que não acontece com as revistas das sociedades. Não são vendidas nas livrarias. Foi sorte nossa, uma alegria, porque revela que estamos fazendo algo bom. Coloca-se nas bibliografias e leva-se adiante.

RP – *Entrando um pouco na sua linha de pensamento teórico, temos lido que o senhor destaca um trabalho da latência. Poderíamos pensar isso como uma nova oportunidade no desenvolvimento para a elaboração dos aspectos anteriores que foram pouco ou mal elaborados? Isso sugeriria uma linha de desenvolvimento na qual, em cada nova etapa, há uma nova elaboração da etapa anterior? Ou o senhor pensa que é o resultado de uma estrutura específica, com forças dinâmicas específicas na latência?*

RU – Primeiramente eu diria que há as duas coisas. É correto que cada nova etapa resulta na possibilidade de retrabalhar a anterior de algum modo, mas não necessariamente. Acredito que é realmente assim na adolescência. A adolescência, seguindo a linha de Peter Blos, é um momento de reestruturação. Ele sustenta que, na adolescência, existe realmente um forte trabalho sobre os alicerces traumáticos, ou problemáticos, não bem processados durante a infância, uma segunda volta. Ocorre



algo assim dentro das etapas anteriores, ocorre na latência, mas não com tanta força. O grande jogo dá-se mesmo na adolescência.

Quando falo de trabalho da latência, refiro-me ao trabalho de retirada do véu no período de latência, descrito no trabalho com o qual ganhei o Prêmio de Crianças e Adolescentes do congresso anterior, em Cartagena. Nele abordo o modo específico de funcionamento do aparelho psíquico durante a latência. É por isso que, na parte final, relaciono com o conceito de trabalho em Freud, com a raiz *Arbeit*, trabalho de luto, do sonho, do chiste, de elaboração, ou seja, busco trabalhos que tenham relações e diferenças com o que apresento como o trabalho da latência.

Para ser sintético, mesmo correndo o risco de ser sistemático, o que apresento como trabalho da latência é toda uma reestruturação do aparelho psíquico, resultante da busca com que se vê confrontada a criança pela aparição do superego, que surge como uma instância que se instala dentro, quase como um objeto externo que nela penetra. Isso se evidencia no fato de que, no início, a criança, quando sente o superego dizer "Não", olha sempre para fora como se alguém lhe estivesse dizendo: "O que estás fazendo?" Esta proibição instalada desde dentro obriga a que toda iniciativa pulsional que tem a marca do incestuoso seja, de alguma forma, abolida. Sem o aparelho que contém a repressão, não existe a possibilidade de progresso no bom sentido. Então isto é um desafio ao aparelho, e chamo trabalho de latência justamente essa capacidade que pode ter este aparelho de encontrar um destino pulsional novo, ao não se esgotar na repressão ou na defesa, ser capaz de buscar uma saída que lhe permita um decurso à pulsão. Ou seja, que lhe permita mediar entre a exigência do superego, as possibilidades da sociedade e as exigências limitativas da sociedade também, e, ao mesmo tempo, propiciar descarga. É a possibilidade de se instalar a via sublimatória.

Se o psiquismo pode ser progressivamente organizado a partir de uma via sublimatória mais que de uma via repressiva, de uma formação reativa, passa a existir, então, a possibilidade de se iniciar todo um trabalho de processamento que não somente permita a descarga, mas que vá propiciando uma complexização do aparelho no que se refere, principalmente, à simbolização e ao desenvolvimento do pré-consciente – isto que os psicossomatistas, sobretudo franceses, consideravam sobre o espessamento do pré-consciente, etc. Acredito que é uma tarefa básica, insensível, do período de latência. É silenciosa como todas as tarefas de construção e de conformação do aparelho, apenas quando existe patologia é que a percebemos.

Por isso, nesse trabalho de Cartagena, não cheguei a desenvolver o que, em um anterior, já havia formulado, que era a saúde na latência e que estava relacionado com este premiado. Por quê? Porque eu faço uma confrontação entre a ocorrência e a não ocorrência deste trabalho de latência orientado pela hegemonia ou coordenação





básica das sublimações, que põe a seu serviço os demais mecanismos com a finalidade da descarga, o que vai ampliando o aparelho não só na instância do pré-consciente como também nas possibilidades de realização. Então o jogo adquire plasticidade e flexibilidade, o mesmo que o desenho e os jogos posteriormente. Ou seja, vai abrangendo progressivas situações que permitem ao latente entrar no mundo social, nas normas sociais e, ao mesmo tempo, tendo descarga pulsional de uma maneira encoberta, porque consegue o que tem a sublimação, que é descarga sem proibição. Isso permite ao aparelho não ficar ansioso por uma pulsão que nunca consegue a descarga.

Por outro lado, quando, por motivos diversos de dificuldade ou patologia, não é possível ao aparelho organizar-se nestes termos, aparece a problemática estritamente da latência. As dificuldades mais comuns são as problemáticas precoces, por exemplo, o fracasso escolar. As dificuldades escolares aparecem rapidamente se o latente não pode começar a desempenhar a contento a capacidade de diferir a ação, ficar quieto, concentrar-se para estudar, não contando bem com a via sublimatória, também implicada no estudo. Isso é o mais comum como patologia inicial do período da latência e não necessariamente corresponde a uma dificuldade específica de aprendizagem. Às vezes sim, mas em geral trata-se de uma dificuldade de organizar o aparelho para entrar em um funcionamento de latência.

Existe outro tipo de patologia da latência, a qual, no jovem, ou na criança, toma uma forma que, aparentemente, é como a do latente, mas que em profundidade não é. Por quê? Porque, pela aparência, a criança não irá consultar porque não traz transtornos. Acata, é o bom aluno, faz todos os deveres, é minucioso. Trata-se de uma criança modelo, em princípio normal. Na verdade, ela está funcionando sob a repressão e a formação reativa muito mais do que sob a sublimação. Isto lhe traz um problema, pois se cria uma pseudolatência, um arremedo, não o verdadeiro trabalho da latência que amplia o aparelho. O que acontece? Quando sai da latência e entra na puberdade, o aparelho mental sente o impacto de toda a carga pulsional, mas não tem como fazer com que essa circule e, então, produz-se uma ruptura. Nesse trabalho do prêmio, apresento dois casos diferentes de pseudolatência. Um com um compromisso patológico maior, com âncoras prévias e familiares muito mais fortes, pelo que faz uma psicose puberal muito grave, com um prognóstico mais comprometido. O outro é de um menino que se encontra em um nível mais neurótico, também com um quadro que se apresenta lá pelos doze ou treze anos, ao começar o ensino médio, com uma quantidade espantosa de rituais obsessivos: voltava da escola ao meio-dia e, ao invés de poder ir comer, tinha que estar por uma hora arrumando os materiais escolares; depois, quando todos já tinham terminado, ia alimentar-se por uma hora, hora e meia, porque tinha que acomodar os talheres e as migalhas. Até que pudesse recomeçar o estudo, levava outro tanto organizando objetos novamente.





Mas o destino deste menino pode ser muito diferente, porque teve outra base e, com uma mediação psicoterapêutica, pode restabelecer-se em outro nível. Por isso, marco duas situações nas quais é possível instalar-se a pseudolatência, mas cujo destino, mais grave ou não, dependerá do tempo que tome e do compromisso prévio em relação a outros pontos de base, de fixação ou de problemática que não tenha sido bem resolvida. No caso deste menino com a psicose puberal, havia elemento narcísico sério, enfim outros pontos problemáticos. Não sei se fica claro a que me refiro com o trabalho da latência: principalmente ao modo de organização do aparelho.

RP – *O senhor acreditaria, então, que a indicação da análise seria para os casos em que a latência não está sendo feita?*

RU – O problema é que aqueles que são pseudolatentes não consultam por esse motivo. Consultam apenas pelos problemas na adolescência e então é mais difícil trabalhar-se. Creio, pois, que devemos fazer um trabalho de conscientização a esse respeito. Já que estamos neste congresso¹ abordando a relação da psicanálise com a cultura, esse dado é parte do trabalho extra que precisamos desenvolver.

Assim como, em algum período, se trabalhou muito com pediatras sobre problemáticas ou patologias que poderiam se instalar no desenvolvimento precoce, acredito que se deva trabalhar este aspecto com as escolas, os professores, já que, para eles, este é o aluno ideal, para o qual jamais chamariam os pais. Além disso, têm que aprender a pesquisar essa rigidez de funcionamento, a falta de plasticidade típica de tais organizações e que tende a passar desapercibida. Por exemplo, são crianças que não podem brincar sozinhas. Estão em casa e dizem: “O que faço”? Os pais respondem: “Bom, brinca de alguma coisa...”, e a criança: “Para quê?” Ou seja, precisam de instruções, não podem funcionar com uma geração própria de idéias, de tarefas ou coisas a fazer. Contudo, do ponto de vista da escola, isto é útil para o professor, porque lhe é cômodo. Ele diz: “Escrevam tal coisa”, e a criança atende. Desta forma, em geral, algumas crianças mais rebeldes de determinado ponto de vista são muito mais saudáveis que estas, porque funcionam a partir da busca de seus interesses.

Muitas crianças rebeldes, e essa é outra consulta freqüente e que constitui uma dificuldade para as escolas e para os professores, são aquelas com dotação acima do comum, de captação rápida. Captam o problema e o analisam e, depois, não têm o que fazer. Logo passam a incomodar na aula. Quando estas crianças são bem dirigidas, quando podem ter outro tipo de atividade mais criativa, ou, inclusive, de ajuda aos companheiros, diminui o problema de “má conduta” na escola.

1. XXIII Congresso Latino-americano de Psicanálise – FEPAL – Gramado, Brasil, setembro de 2000.





Acredito que nosso trabalho será melhor, se o período de latência for melhor compreendido. E cabe a nós, como formadores de idéias e promotores da saúde, trabalharmos com as escolas e com os professores, para que eles detectem esses casos de pseudolatência e, ao mesmo tempo, possam ajudar e contribuir. Pode-se instituir que um tratamento psicanalítico é bem-vindo, mas há contribuições externas que não se devem rejeitar.

RP – Para o sr., de que forma a internet e a informática estariam colaborando para a manutenção dessa pseudolatência, já que servem como refúgio de investimento objetal? Não é, propriamente, uma sublimação. O latente ou o adolescente, aparentemente, segue adaptado ou com rendimento intelectual?

RU – Penso que esse é um dos grandes riscos que corremos neste momento, mas não somente com os lactentes, com os adultos também. Agora que surgiu o amor através da Internet, algo está acontecendo: as pessoas constroem um refúgio que permite que não vivam a sua solidão. Acreditam estar acompanhadas quando não estão, de modo que substituem um vínculo real por um vínculo virtual. Penso que isso é um risco capaz de configurar uma distorção, ou uma má utilização de uma ferramenta muito útil como pode ser toda a informática.

Em crianças e adolescentes é grave, mas é o mesmo problema de anos atrás com a televisão. Provavelmente deveremos enfrentá-lo como desafio porque, cada vez mais, nossa cultura adquire uma maior complexidade de aparelhos e instrumentos. Entretanto, a criança que tem uma boa capacidade de brincar ou jogar não fica presa à internet. Entra nela por um momento, brinca e depois sai com os amigos para jogar futebol, ou ir ao clube, ou andar de bicicleta. Mas já há um tipo de criança que, por alguma razão, se apega à internet.

Deve-se, contudo, salientar que o risco depende do tipo de uso que dela se faz. Há jovens que realmente a usam, se envolvem e produzem. Por exemplo, nos últimos anos na Universidade, uma das coisas que pedimos é a análise de uma entrevista. Deve ser feita uma entrevista com um adolescente e analisá-la com os elementos de teoria ensinados durante o curso. Praticamente é a conclusão do curso. Causa impacto e, nos últimos anos, os diagramas já não vêm com a entrevista transcrita e as interpretações depois. Vêm apresentando um diário, com notícias ressaltadas, diferenças. Depois segue o texto e a análise. Outros contêm alusões tipográficas, com algo de informal, ou, ainda, uma apresentação em forma de livro, com folhas de rosto e capa. Ou seja, já se nota um uso de outra índole. Não é um refúgio, é um uso criativo. Trata-se de uma área na qual se está produzindo conhecimento de um modo sumamente novo.





O problema, pois, não é a internet, mas como ela é utilizada. Novamente podemos pensar: é um refúgio sob a égide da repressão, formação reativa e inibição? Nisso ocorre uma perda. Ou se trata de sublimação, possibilidade criativa, pesquisa, progresso, conhecimento? Nisso ocorre um ganho. Então, há um risco, também em nosso trabalho, em relação ao que é sublimação. Acredito que as pessoas, erroneamente, confundem sublimação com a tarefa. O problema não é a tarefa, mas a maneira como é realizada. O que tem de característico na sublimação é a possibilidade de descarga em uma finalidade socialmente aceita. Ocorre que podemos fazer esta tarefa sem que seja nossa obrigação, como uma formação reativa pura. Por exemplo, isto ficou muito claro para mim há alguns anos, quando atendi um casal. Ele era cirurgião plástico, tratava de pessoas com queimaduras, e ela dentista. São duas profissões que facilmente poderiam gerar fortes elementos sublimatórios de reparação. Porém nestas duas pessoas primava uma tentativa de defender uma situação sádica muito intensa. Quando, ocasionalmente, ele passava uma semana sem operar, porque não tinha cirurgias, o nível de violência que ocorria neste casal era impressionante. E ela “obturava” as situações. Ela era dentista, obturava ou, por vezes, havia como uma “virada” no seu funcionamento. Terrível. Realmente, podemos dizer que estão fazendo tarefas sublimatórias? Não, tarefas que outros fazem de forma sublimatória, neles eram defensivas. Eis aí uma grande confusão: o caráter sublimatório não é dado pelo fato em si daquilo que se faz, mas a serviço de que e como se faz.

Se partimos disso, entenderemos melhor o que poderiam ser saídas sublimatórias, ou o que seria o trabalho de latência, ou uma organização própria de uma latência conquistada, na qual faz sentido falar da abertura, da ampliação do eu. Em caso contrário, seria vazio dizer “amplia-se o eu”, tão só porque a criança latente adquire conhecimentos. Também um autista é capaz de aprender uma enciclopédia, ou uma lista telefônica. Pode saber todos os números da lista, mas não sabe telefonar. A questão não é simplesmente ampliar conhecimentos. O importante é que se estabeleçam cadeias significantes, as quais permitem locomoções simbólicas e a ramificação, nas quais vão se formando as cadeias de sentido e um subconsciente em outras condições. Isso é outra coisa, outro nível.

RP – Dentro dessa questão, uma situação oposta, não de pseudolatência, mas de um possível encurtamento da latência. Na situação atual, da pós-modernidade, a superestimulação que as crianças têm estaria possivelmente fazendo com que a latência esteja ficando cada vez mais curta. Já que o senhor atribui à latência um trabalho específico, a falta desse período que conseqüências traria?

RU – Se não for possível estabelecer uma boa latência, haverá dificuldades na





adolescência e, principalmente, dificuldades relacionadas à sexualidade. Às vezes, de maneira equivocada, os pais acreditam que fazem um bem introduzindo os filhos em determinados aspectos da sexualidade, em uma idade na qual não apresentam condições para tanto. Esquecem uma coisa salientada por Freud: que a saída do Édipo não está relacionada com a castração e todo seu elemento estruturante, mas também com a dolorosa captação pela criança de que ela não tem capacidade física de realizar aquilo que deseja. Isto também é importante no que estamos falando, porque, até que se produza o amadurecimento do púbere e avance esse amadurecimento, é problemática para o psiquismo a possibilidade de entrar em contato com o comércio, com a fantasia sexual explícita. É traumática, não é enriquecedora. É necessária essa quota de inibição e de separação da descarga pulsional direta, para que o desenvolvimento se faça, o aparelho se amplie. Isso é o que permite que, depois, circule a pulsão já com possibilidade de execução. Se, durante o período de latência, a criança não é auxiliada a estabelecer estas inibições, o que corresponde ao que Freud assinalava como os ditames morais, do temor, da repulsa, etc., haverá conseqüências.

Penso que está acontecendo algo muito problemático nesse sentido, porque a situação social tende a colocar a todos, sem distinção de idade, nessa condição. Assim, dentro do possível, devemos buscar uma maior seletividade, que não se minta para as crianças, não se esconda, mas que não se mostre mais do que podem saber. Esse é o equívoco. Uma coisa é a antiga postura de ocultamento, de censura, e outra que se mostre o que a criança ainda não está em condições de absorver e que será traumático. A esse respeito também nos cabe alertar como profissionais. Por exemplo, na Argentina, tornou-se costume festejar os aniversários de sete, oito anos como se fossem festas de adultos. Uma coisa louca: cria-se um ambiente de baile, com DJ, sem luz, totalmente fora da lógica dessa idade. Esquece-se que não têm físico nem aparelho psíquico para tal. A conseqüência é uma superexcitação sem possibilidade de descarga. A única coisa que gera é o transbordamento no aparelho psíquico, e a única saída é a agressiva, do tipo agressivo motriz. Não há escape, a não ser entrar em uma situação pervertida de relação com algum adulto, e isto também traz conseqüências graves e deve-se estar alerta.

RP – *Mas não lhe parece que, na verdade, as crianças e os adolescentes que estão nesta situação são uma conseqüência já do conflito do adulto que, atualmente, cada vez menos pode formar os diques? Há essa aceleração do consumo e das crianças.*

RU – Sem dúvida é assim. Esta aparente liberalidade acontece também por uma situação difícil em certos casais. Refiro-me ao fato de que houve neles um mal-





entendido do que é a criação no lar, ocultamento, privacidade. Geralmente costumam ser casais de pais com fortes traços de exibicionismo dos dois ou de pelo menos um, se temos a oportunidade de pesquisar a vida familiar. Nesses casos, não se fecham portas para intimidades e há demonstrações de contatos corporais provocativos para uma criança, de “indução”. Geralmente é assim, lamentavelmente.

RP – *É possível depreender, através de suas leituras, trabalhos e participações, que o senhor pensa que crianças pequenas não teriam possibilidade de realizar adequadamente o trabalho de luto. É correta essa impressão? Poderia falar mais sobre isso?*

RU – É uma impressão correta. Isso está em um artigo chamado “Perdas de seres queridos na infância e na adolescência”, solicitado para palestra em um congresso. Comecei a trabalhar, de forma equivocada, sobre a crítica da teoria de lutos na adolescência e, pouco antes da data, soube que era outro o tema. Assim desenvolvi dois trabalhos simultaneamente: um sobre a crítica da teoria do luto na adolescência, de Aberastury e Knobel, e outro sobre a perda de entes queridos. Com esse trabalho, também tive a alegria de ser premiado.

Neste ponto deve-se fazer uma discriminação. Assim como falava de um equívoco no uso da palavra “sublimação”, acredito que com “luto” também houve um uso extensivo. Tudo é luto e não concordo com isso. Trato de mostrá-lo nesse trabalho, seguindo a linha de outros autores que pensam o mesmo, não é uma invenção minha. Reservo a idéia de trabalho de luto para o que Freud descreveu em *Luto e Melancolia*, um trabalho que as crianças não podem fazer a não ser passada a adolescência, no seu final. Recém nesta etapa se criam as condições, com todas as modificações que sofreu o aparelho mental, para se poder começar o que seria um trabalho de perda nos termos descritos por Freud.

Antes disso, frente à situação de perda real, como a morte de um progenitor, de um irmão, de um amigo íntimo, uma situação direta de perda, a criança pode fazer um trabalho de acomodação a isso. Mas é uma situação mais do que traumática. Não acredito e, lendo Freud, estou convencido de que tampouco ele pensava assim, que o traumático, ou o que atinge o narcisismo, seja processado através do trabalho de luto. É outro tipo de processamento. Uma criança pequena pode se acostumar. Por exemplo, o trabalho de luto resulta na possibilidade de que lembremos, nos entristecemos. Isso é parte do trabalho do luto: um ir e vir entre a aceitação da desapareição, a saudade pela ausência do objeto desejado, a dor da perda. É um jogo de regressão e reacomodação à normalidade que requer uma flexibilidade do aparelho que a criança não tem. Por isso, vocês irão ver que crianças pequenas, em geral, não choram, porque, ao





se colocarem em trabalho de luto, seu aparelho se desorganiza. Entra algo tão doloroso, que se desorganizam. Então, há o choro e rapidamente se fecham, se distraem ou partem para outra atividade. Não querem escutar, falar, ou seja, têm reações ou acomodações. Não fazem trabalho de luto.

Às vezes, recém passada a adolescência, retomam essa situação da perda precoce. Com sorte, para os que puderam ter uma boa evolução até o final da adolescência, reaparece o luto e aí, sim, é possível ocorrer um trabalho de luto. Outros não podem fazê-lo e o luto aparece na conduta.

Há muitos casos de casais que se formam relacionados com um objeto perdido. Por exemplo, nesse trabalho, descrevo meia dúzia de crianças e de adolescentes que tiveram o luto pouco antes ou durante o processo de suas análises. Depois das considerações teóricas, relato dois casos de adultos que sofreram a perda por volta dos treze anos, um de uma mulher cujo pai morreu de leucemia, quando ela tinha essa idade. Ou seja, no início da puberdade, com todo o significado que isso tem para uma mulher – menstruação, pai com problema sangüíneo, etc. – criou-se todo um confronto muito particular. Atendi-a já adulta, após um longo tratamento, doze anos, com um colega muito capaz. Após um tempo, percebi que todos os seus relacionamentos eram com pessoas que sofreram doenças graves. Havia um arremedo da relação com o pai, da impossibilidade de vê-lo curado e uma repetição do traumático através de situações sucessivas de casais traumáticos, de rupturas muito traumáticas. Foi possível começar a trabalhar isto e, por sorte, reapareceu um tio que acrescentou elementos, dados familiares e que pôde apoiá-la numa separação de um sujeito que não queria sair da casa dela. A partir disso, a paciente foi capaz de processar um luto incrustado de vinte anos. Contudo não fica suficientemente claro o porquê de um luto mal elaborado.

Obviamente não vamos negar a dor, a tristeza. Mas não há a possibilidade do trabalho descrito em *Luto e Melancolia*. Para isso é necessário um aparelho muito mais desenvolvido, o do final da adolescência, com outras instâncias, com o ideal do ego, com um superego já modificado pela situação da adolescência, com elementos que criam outro panorama para que ocorra esse trabalho.

RP – Uma questão que me intriga no trabalho com crianças e também com adolescentes, especialmente com crianças em psicoterapia ou análise, é que, por mais dramática que seja a situação, e as crianças as trazem muito, elas choram muito menos que o adulto nas sessões. É muito raro uma criança chorar, por mais dramática, terrível, ou triste que seja a situação. Esta seria uma explicação: o aparelho psíquico que ainda não chora propriamente a perda.





RU – Não é que não chore a perda, na verdade não pode fazê-lo porque se desorganizaria. Não tem força suficiente para resistir à dor contínua de trabalhar sobre a perda. Registra a perda, sofre-a, mas não pode trabalhá-la muito, porque não tem com o quê, por isso rapidamente se afasta. Por esse motivo, deve-se ter cuidado na terapia com crianças. Um erro que cometemos é acreditar que a criança está se defendendo da dor. Acontece que não é capaz de tolerá-la e tem medo de se desarmar.

Assim, deve-se cuidar muito como se trabalha a perda, porque, se vamos muito rápido, desestruturamos a criança. Deve-se acompanhar o seu ritmo nessas circunstâncias, respeitá-lo porque se trata de um aparelho psíquico em formação. Talvez mais tarde, dois meses, seis, um ano, se possa voltar a isso. Mas uma criança de três, quatro anos, que tenha uma perda grave, com qual aparelho sustentá-la? Se tem dez ou doze anos, com mais noção, mesmo teórica, do que é a morte, porque viu um animalzinho morrer ou a flor secar, essa criança tem elementos de aproximação, até cognitiva, da perda. Mas não uma criança pequena. É dramático porque, além disso, existe a necessidade de apego.

Eu não sei se vocês conhecem uns filmes muito interessantes feitos por um casal inglês. Um deles é com uma criança que fica uma semana em uma creche, enquanto a mãe tem um bebê. Vão filmando e vê-se como essa criança, no primeiro dia, tem um choro desconsolado sempre. Depois produz um bloqueio do choro, e o rosto fica sem vida. Mesmo com o pai indo vê-la duas vezes ao dia em uma creche com outras crianças e babás. Quando a mãe vai buscá-la com o pai e a pega e beija, a criança a desconhece e lhe vira o rosto. Braba com o objeto da ausência, demora muito a retomar o vínculo afetivo com a mãe.

O outro problema que se apresenta aqui é que, em geral, quando ocorre uma grande perda no núcleo familiar, por exemplo, se morre um dos progenitores, o cônjuge vivo está em luto e em más condições de sustentar a dor dos filhos, e os avós também estão em luto porque perderam um filho ou filha, ou genro. Então há todo um entorno familiar com dificuldade de sustentar esta criança que, por sua vez, não pode fazê-lo sozinha.

Temos, assim, que cuidar na psicoterapia, porque, antes de tudo, devemos dar-lhe a sensação de confiança, de que se poderá sustentar e acompanhar o paciente até ele mesmo ter essas condições. Não se pode forçar-lhe o luto, talvez ele não o faça. Com o tempo, talvez o faça muito escassamente durante o tratamento. Mas quem sabe volte aos dezessete anos para falar a respeito, com o pretexto de um problema de amor ou de que não sabe a carreira a seguir.

RP – Dentro disso o senhor está enfatizando uma espécie de retorno a uma visão de uma teoria traumática bastante ligada ao início da teoria freudiana. O





senhor acha que isso é algo do início da vida, quando não há condições para que uma criança possa tolerar o luto. Mas sabemos que considera que, mesmo em fases mais tardias, de latência ou adolescência, a criança, ou o adolescente, não terá estrutura de ego suficiente para lidar com fatos traumáticos muito severos, quando não tratados, não acompanhados adequadamente. Então, gostaria que falasse um pouco mais, não só sobre esse início da vida, mas sobre as etapas e a sua posição quanto ao trauma.

RU – Há um artigo meu sobre o tema, que saiu, no ano passado, em um número especial de *Niños y Adolescentes* na *Revista Uruguaya de Psicoanálisis*. Escrevi sobre a questão da puberdade, narcisismo e trauma e a possibilidade de representabilidade. Por exemplo, quanto à puberdade: a puberdade por si só é traumática, relativamente traumática para todos, por múltiplos motivos. Primeiro, porque se trata de uma irrupção esperada, mas incontrolada, pela qual o sujeito sente que algo acontece como se não fosse com o próprio corpo. Levou muitos anos para apropriar-se de seu corpo e, de repente, ocorrem coisas que não consegue dominar.

O outro elemento, não trabalhado suficientemente, no qual insisto muito, é que o curso do desenvolvimento no primeiro ano da puberdade é, numa metáfora, como a ampliação de uma foto. Crescemos de modo mais ou menos parelho, o corpo vai se ampliando desde o primeiro ano até se alcançar mais ou menos a puberdade. Mas, ao chegar-se, não é assim. O crescimento é, então, assimétrico, primeiro crescem nossas orelhas e nariz e, às vezes, a criança parece uma caricatura. As pernas e os braços desenvolvem-se antes que o tronco, os braços ficam arrastando. E o ser desarmônico cria uma sensação de ruptura muito grande, porque não se reconhece no espelho, no reflexo do corpo que vai passando a imagem de uma espécie de deformidade. Seria, se me permitem, uma vivência do tipo deformativa que, às vezes, trazem algumas drogas alucinógenas em que a sensação é de que o corpo se deforma.

Algo parecido acontece com o adolescente precoce. E isso é muito mais marcado quando a adolescência, a puberdade iniciam cedo, bruscamente e em pouco tempo. Ocorre uma decepção total, porque isso, já em si difícil de processar, ainda mais em pouco tempo e bruscamente, parece interminável e é absolutamente traumático.

Há um exemplo clínico especialmente dramático que deixei para o final desse artigo. É o de uma menina, de quatorze anos, que disse estar enjoada e não poderia ir ao colégio. Ficou na cama e, como sentia um pouco de náusea, atribuiu-o a uma comida ingerida no dia anterior. Pediu para a mãe comprar-lhe um refrigerante e, quando a mãe voltou, após uns dez minutos, encontrou a filha e perguntou: “O que você está fazendo com esta boneca?” Ao aproximar-se, percebeu que não era uma





boneca, era um bebê.

Essa menina havia parido um bebê prematuro, de seis meses e meio de gestação, com menos de dois quilos, sem ter a noção de que estava grávida e sem a mãe ter visto que estava grávida. Isto quase não pode ser explicado. A mãe, então, chamou uma urgência médica. A menina, gaguejando, explicou ao médico como cortou o cordão. Tinha ao lado o material escolar, entre os objetos uma tesoura usada na escola com a qual cortou o cordão umbilical e o amarrou com uma corda. Mas não pôde dizê-lo em palavras.

Insisto nisto, porque esta menina que sabia falar bem, diante de uma situação como esta, se expressou quase que por gestos. Levaram-na para o hospital e felizmente estavam bem, ela e o bebê. Não houve nenhum problema médico, e só o que ela queria era voltar rápido para casa, porque a mãe, enquanto esperavam a ajuda médica, telefonara ao namorado da filha, suponhamos, dizendo: “Fernando, você é pai”. Ora, essa menina temia que o namorado a abandonasse e não conseguia entender que não voltaria naquele dia.

Percebam o nível traumático que resultou. Houve um desencontro absoluto com a significação do que havia ocorrido. A situação se esclareceu porque, assim como esta menina se mostrava em uma negação absoluta e a única coisa que queria era reencontrar seu namorado, a mãe, que no primeiro momento rejeitou a criança, estava encantada ao lado do berço do bebê.

Era impressionante e chamava a atenção, já que uma problemática bastante pesada se apresentava para ela. Entretanto não fazia nada além de planos para quando levassem o bebê para casa. Felizmente o pai da menina apareceu. O casal estava separado e nos esclareceu um dado muito interessante.

Acrescento que tudo isto aconteceu em um serviço hospitalar, onde eu, além da disciplina de adolescência, tenho um estágio sobre gravidez e aborto na adolescência e outro sobre dependências químicas. Esse fato corresponde ao grupo deste estágio.

O pai, então, contou ao terapeuta que a mãe da menina tivera uma gravidez também aos quatorze anos. Acrescentou que, em uma combinação entre o médico que a atendera e a irmã mais velha, disseram que o bebê nascera morto, mas, na verdade, havia sido dado em adoção. Assim, nesse momento, foi possível resgatar uma história transgeracional de algo que a menina não sabia absolutamente. Tratava-se de uma história vedada, inclusive para a mãe, que também não a conhecia. A partir disso, a mãe também ficou sabendo que, na verdade, aquele bebê havia vivido, que a tinham enganado e foi possível desvendar toda uma trama.

Volto, portanto, ao assunto do traumático de que falávamos; aqui podemos sentir como há circunstâncias que podem incidir no nosso psiquismo. Não são cir-





cunståncias externas, mas internas, que correspondem à vida da mãe. De alguma forma, que ainda não conhecemos muito bem, o transgeracional de repente nos invade e produz um fato absolutamente traumático. Acredito que são momentos privilegiados que devemos considerar. Enquanto o desenvolvimento vai acontecendo de forma “normal”, corretamente, em condições favoráveis, tomara que não haja elementos traumáticos muito fortes. Mas esses podem manifestar-se, por episódios como a morte, ou por outro fato natural, que é a puberdade, traumática por si só. Isso porque a puberdade inclui um vetor até então ausente e cuja circulação requer uma série de processamentos que é o grande desafio da adolescência, para o exercício de algo até esse momento vedado e proibido. Vedado fisicamente e proibido como alternativa. Nesse momento, deve ser encontrado um processamento que chegue a uma saída, que é o que o mundo espera. □